



A SERICICULTURA no Brasil. [s.n.t.]

SERIA dizer com acêrto que, se o bicho da sêda se visse na contingência de procurar refúgio permanente, por causa da guerra, não encontraria para isso lugar mais apropriado que o Brasil.

Datam de muitos anos as tentativas para implantar a sericicultura em vários pontos do território brasileiro, por isso que a amoreira, cultivada para ser alimento do industrioso bomicíneo, adapta-se admiravelmente em todo o país, dispensando mesmo os extraordinários cuidados que seu plantio e tratamento exigem noutras regiões do mundo, onde avulta a importância dos trabalhos sericícolas.

De tentativas esporádicas colheram-se, entretanto, valiosos ensinamentos inteligentemente aproveitados. Formaram-se especialistas de rara compreensão das necessidades regionais e o governo, interessado em animar as boas iniciativas, deu o impulso indispensável para a criação de uma indústria capaz de satisfazer o consumo interno, exportando o excesso.

A guerra atual veio, pois, encontrar o país suficientemente preparado para desenvolver a sua sericicultura, nivelando a qualidade do produto com o que de melhor se obtem no estrangeiro. Em várias nações do hemisfério tem havido a criação do sirgo com maior ou menor resultado; o Brasil, porém, possui mais acentuadamente os fatores essenciais para a criação dessa nova riqueza. Seu clima reúne, como poucos outros países, as condi-

ções mais favoráveis à metamorfose do bicho da sêda e ao cultivo da amoreira — ao ponto de permitirem se façam, no mínimo, quatro colheitas anuais de casulos, ao passo que, no Japão, elas não excedem de duas e na Itália é de uma apenas.

O desenvolvimento da sericicultura no Brasil processa-se sob as mais rígidas normas de fiscalização e orientação governamental, com o inestimável concurso de numerosos técnicos brasileiros cuja comprovada experiência está sendo segura orientação no sistema que mais convém às regiões locais. A indústria tem, em todas as suas fases, a assistência oficial meticulosamente organizada, desde a distribuição de estacas de amoreiras e de ovos do bicho da sêda até à confecção dos artigos para o mercado. É uma conjugação de esforços para alcançar ambos os fins — qualidade e quantidade do produto dentro do limite de tempo mais curto possível. A produção de casulos de qualidade apurada para fins comerciais está sujeita a especificações rigorosas para todos os fios de sêda produzidos em qualquer parte do território nacional.

O órgão oficial, o Serviço de Sericicultura, do qual emanam todas as normas para a crescente e futura indústria, tem, no seu centro experimental situado em Campinas, o elemento de grande operosidade que está assegurando o sucesso da produção da sêda brasileira, com S. Paulo atingindo mais de 95 por cento do total. A cooperação de numerosos imigrantes já familiarizados com os trabalhos de sericicultura abreviou bastante os estágios experimentais. Mas foi depois da brusca interrupção da importação do produto japonês, em 1941, que a indústria nacional brasileira ganhou decisivo incremento. De 1941 a 1944, aumentou de 400 por cento a produção de ovos, de amoreiras e de casulos, crescendo também, vertiginosamente, as atividades fabris. A alta natural dos preços que se constatou, em face da grande procura do produto, estimulou mais ainda o interesse

dos sericultores. Na safra de 1943-1944 a produção atingiu a quase dezesseis milhões de quilos de casulos, avaliados, no mercado norte-americano, em seis milhões de dólares, aproximadamente. Segundo estimativa de um técnico, a indústria brasileira produziu mercadorias avaliadas em mais de 25 milhões de dólares.

Um dos meios pelos quais o governo mantém o controle da indústria é o monopólio da distribuição de ovos exercido pelo Instituto da Campinas. A um tempo, os ovos eram distribuídos gratuitamente, mas agora é cobrada uma taxa de 5 centavos a grama, afim de evitar desperdício. O instituto também distribue grátis estacas de amoreira e os desinfetantes para prevenir contra doenças que possam atacar as larvas. Nesta temporada, o instituto está distribuindo quatro milhões de gramas de ovos. E por serem os ovos do tamanho de uma cabeça de alfinete, seu número monta a cifras astronômicas.

O instituto produz ovos de ambas as origens — pura e de cruzamento, aos milhares, todos os anos, afim de conseguir novas raças de características cada vez melhores. Os cruzamentos experimentais já produziram um casulo dourado denominado *Ouro Brasil*, considerado por muitos especialistas como superior aos reprodutores, um da China, outro da Itália. Outros tipos de casulos são brancos ou verdes, mas a cor natural de todos os fios é removida antes de ser a fibra tingida para uso comercial. Em intervalos regulares durante a safra, o instituto recebe milhões de casulos dos criadores organizados em cooperativas, interessados em fazer sericicultura sob condições que garantam a produção de tipos puros. O sericultor vende os casulos a um intermediário que, por sua vez, os vende às fiações. Aí, os casulos são submetidos a um tratamento pelo calor, para extinguir a crisálida e, depois, fervidos para largarem a fibra, afim de facilitar a sua fiação em máquinas especiais, de modelos estrangeiros mas construídas no Brasil.

O Instituto de Campinas está autorizado a manter os padrões de qualidade do produto, e a lei determina especificamente os tipos usados em Nova York, Milão, Lion, Yokohama, Zurich e outros centros séricos. Os preços da sêda brasileira são estabelecidos pela respectiva bolsa de S. Paulo. O produto manufaturado está sendo exportado para os Estados Unidos, Argentina, Venezuela, Colômbia e vários outros países americanos. O fio de sêda também é exportado. Outro produto de grande aceitação são meias, que têm servido como melhor meio de propaganda entre o numeroso elemento feminino.

O crescimento da nova indústria não tem se operado sem dificuldades. A alta dos preços, por exemplo, tem animado os sericultores a aumentar a produção de casulos, mas, ao mesmo tempo, tem aumentado o custo do produto manufaturado. Algumas fábricas brasileiras estão fazendo tecidos contendo cerca de 20 por cento de sêda e 80 por cento de rayon, de maneira a tornar mais atrativo o preço no mercado. O futuro da sêda brasileira, depois da guerra, com a renovada competição que se fará sentir de outras origens, e com o desenvolvimento das fibras sintéticas, ainda é, naturalmente, incerto. Mas seja qual for o resultado, os brasileiros podem contar com a sua nova indústria como um importante fator na industrialização do país e no valioso estímulo que veio dar ao comércio interamericano.



Numa das maiores fábricas da crescente indústria brasileira; máquinas especi
almente construídas para destilar a fibra de milhões de casulos do bicho da seda

32914

A SERICICULTURA no Brasil. [s.n.t.]

f.2

A black and white photograph showing a man with a mustache, wearing a light-colored suit jacket and a dark tie, leaning over a large pile of silkworms. He is carefully tending to the silkworms, which are feeding on mulberry leaves. The background is dark, making the silkworms and the man's actions the focal point.

A Sericicultura no Brasil

RÁPIDO DESENVOLVIMENTO DE UMA
DAS INDÚSTRIAS DE GRANDE FUTURO

Larvas do bicho da seda prontas para começarem a produção do casulo. A amoreira, cujas folhas constituem o seu melhor alimento, dá-se bem no Brasil

Meadas de fios de seda crua, desfiados dos casulos. Desde a eclosão dos ovos até a colheita dos casulos pode obter-se no Brasil até quatro criações por ano





A indústria brasileira está meticulosamente organizada, fazendo-se cuidadoso exame, seleção e classificação dos casulos para assegurar a sua melhor qualidade

O tecido de sêda, produto de modernas máquinas fabricadas exclusivamente no Brasil. De 1941 a 1944 a sericicultura brasileira desenvolveu-se vertiginosamente

